

# CLASSICOS E CABOTINOS

PROF. SILVEIRA BUENO

(Universidade de S. Paulo)

Sumo do orgulho humano, parece a muitos que o cabotinismo haja atingido o seu auge na moderna gente das letras, literatos que excedem, na vaidade, as próprias mulheres, pois que estas se engrandecem com o fito de se darem a outrem, e aqueles, de se negarem a todos. Tão alto vai e generalizado o elogio em boca própria, que o termo **cabotinismo** já se transformou em **bocatinismo**, porque outro não é esse mal senão um longo, ininterrupto e naturalissimo **tinir de boca**, ressoando as próprias qualidades. Crê-se geralmente que o pecado é só dos nossos dias e planta a vicejar no canteiro de uma determinada escola zangarreira; no entanto, é mais antigo, tão idoso como o próprio mundo, quase eterno como o próprio Deus. A modéstia nunca foi simbolo que brilhasse nos braços da literatura, a não ser aquela modéstia chamada de anzol, que põe a isca da humildade para pescar o peixe grosso do elogio, do louvor à queima-roupa. O que hoje há é um manto menos diáfano do que o de outrora a envolver as crepitações mal sopitadas da nossa vaidade e, quando surge um grupo sem manto algum, com as labaredas à mostra, o horror é grande e o clamor imenso. Antigamente não era assim: havia mais sinceridade; o poeta grego, especialmente o romano, por menores que fossem, exibiam-se desvelados, embocando a tuba, mais ou menos ridícula, do elogio próprio. O exemplo vinha do alto Olimpo e a casa de Mecenas era o arsenal mais poderoso das novas armas da fama. Não se evitava o contágio e, desde Nero, cantando à lira, nos estádios da Grécia, até o histrião mais infimo, em qualquer canto da

Suburra, todos os comediantes, ao terminarem suas representações, tinham a mesma frase, síntese do mais intenso cabotinismo: “Nunca, pláudite!”

O mal da egolatria proliferava em todas as escolas clássicas e, em Roma, vivia nos lábios divinos de Horácio ou de Ovídio, como nas declamações histriônicas de Plauto ou de Juvenal. Nem era prenda exclusiva dos escritores: vicejava em todas as classes esta flor rubra e hipnótica da própria exaltação: no forum, nas termas, nos circos, nas reuniões intimas, o divino instrumento da lingua ressoava por entre jorros de Falernos ou por entre jorros de sangue humano, as qualidades excelsas do seu ego. O século de Augusto, que foi o de maior elevação intelectual, apresenta-nos Quintus Horatius Flacus, o maior poeta latino, **simples escriba em Roma**, depois de haver abandonado a carreira das armas, falando de si mesmo, num cabotinismo tão agudo que deixa ensurdecido o mais eloquente dos nossos modernos. Por ter sido apresentado a Mecenas por Virgílio e Varo, escrevia estes célebres versos, rogando ao grande homem que o inserisse entre os líricos do tempo:

“Quod, si me lyricis vatibus inseres,

Sublimi feriam sidera vertice.”

“porque, se entre os líricos me inserires, tocarei com a fronte as mais altas estrêlas”. Era um simples início, o primeiro entusiasmo dos seus vinte e seis anos. Mais tarde, já favorito de Augusto e senhor de uma quinta em Tibur, escrevia a Melpómene a sua famosa ode XXIV, em cujas estrofes profetiza a imortalidade do seu gênio que cantando, construira um monumento mais perene do que o bronze, mais elevado que as pirâmides, porque as suas poesias resistiriam às águas minazes da vida, ao sopro destruidor dos furacões e à mesma fuga dos séculos incontáveis....

“Exegi monumentum aere perennius,

Regalisque situ pyramidum altius;

Quod non imber edax, non Aquilo impotens

Possit diruere, aut innumerabilis

Annorum series, et fuga temporum.”

Era tudo? não ainda: o crescendo se avoluma e Horácio, no deslumbramento do seu valor infinito, vê-se imortalizado: “Não perecerei completamente; o melhor do meu ser evitará Libitina, a deusa da morte. Viverei no louvor sempre novo dos meus pósteros... Serei cantado pela fama onde o Afranto murmura e celebrar-me-ão a mim que fui pobre, mas o primeiro lírico entre os latinos.” A exaltação remonta mais alto ainda e estoura, exigindo de Melpómenes a coroa delfica de louros, a maior consagração dos gênios, naqueles tempos:

“... et mihi Delphica

Lauro cinge volens, Melpomene, comam.”

Quem dentre os nossos poetas ousaria falar assim? Nem é de se admirar, pois, Horácio foi só esse e, ao clarão do seu gênio, extinguem-se, como fosforecências insignificantes os lumes poéticos dos nossos dias. Entre os seus próprios contemporâneos, nenhum atingiu, de mais perto, o brilho irrequieto das estrelas. Nenhum outro mereceu mais do que êle os louros de Delfos e o monumento das suas poesias vai resistindo a tudo, especialmente ao descaso, à desídia moderna dos que já se privaram do delicioso prazer de, fechando os olhos para o presente tão imperfeito, poder abri-los para o esplendor do passado, em Roma ou Atenas.

\* \* \*

Pouco menos do que Horácio, talvez, porém, mais elegante e luminoso do que êle e, certamente, mais estimado em Roma, na côrte, Ovidio foi, na sua efeminada compleição de homem moderno, um cabotino esplêndido. Este é um poeta que jamais envelhecerá, porque o amor será sempre moço, cheio de ineditismo para o coração humano: onde uma centelha amorosa arder, aí se achará Ovidio, o poeta que, em Roma, ensinou a “Arte de Amar”. Enquanto existir uma mulher que fascine, haverá sempre um cantor para adorá-la e nesse homem palpitará a alma de Ovidio, seja aqui no Brasil ou mais longe, num recanto qualquer do mundo. Nem é só o amor que faz de Ovidio um poeta amado; a tristeza é

também eterna e o sofrimento posto em verso tem o prestígio das coisas que não passam. E quem mais triste do que este exilado que, em tantos anos, jamais teve um momento de resignação dolorosa e que até mesmo em sonhos, sempre teve diante de si a recordação amargurada, mas inesquecível de Roma, a cidade do prazer e do luxo, que nunca mais haveria de ver? Entre os horrores todos do seu exílio, nenhum outro o atormentou assim, horripelantemente, como o temor de ser esquecido. Já no fim dos seus dias, no declínio da esperança de ser perdoado, Ovidio, ao terminar as “Metamorphoses”, escreveu esta página triste e amarguradamente cabotina:

“Jamque opus exegi, quod Jovis ira, nec ignis,  
Nec poterit ferrum, nec edax abolere vetustas.  
Quum volet illa dies, quae nil nisi corporis hujus  
Jus habet, incerti spatium mihi finiat aevi;  
Parte tamen meliore mei super alta perennis  
Astra ferar, nomenque erit indelebile nostrum;  
Quaque patet domitis Romana potentia terris,  
Ore legar populi; perque omnia saecula fama,  
Si quid habent veri vatum proesagia vivam.”

É o adeus do poeta a tudo quanto amou na vida e, plagiando Horácio, escreveu também: “Terminado se acha o monumento que nem a ira de Jupiter, nem o fogo, nem a espada, nem a velhice roaz poderá destruir. Quando vier o meu último dia, a minha parte melhor subirá aos astros eternos e o meu nome será indelével. Em qualquer parte da terra aonde chegar a potência de Roma, viverei nos lábios do povo por todos os séculos e se é que se cumprem os vaticínios dos poetas, viverei na fama dos meus versos.” E realmente vive este amargurado cantor da graça feminina, o grande mestre da “Arte de Amar”, sublime arte, infelicíssima arte que o exilou nos aspérrimos rochedos do Cáucaso e a tantos tem exilado no mesmo tumulto da existência, pondo-lhes na alma a solidão de quem já foi amado e não pôde

amar, quando não lhe acena de longe com os esplendores da corte de Roma e lhe põe no vestibulo a figura cruel de Augusto, vedando-lhe a entrada.

\* \* \*

Apesar do materialismo do viver pagão, os literatos romanos não menos do que nós hoje, atormentavam-se continuamente com a morte. Aos próprios comediantes era pertinaz este pensamento e após os trejeitos da comédia e a grita do povo, descia-lhes, amargando o sabor dos aplausos, a idéia do túmulo. Então, na presença do mistério das sombras, a convicção do próprio talento lhes raiava nas almas prenunciando-lhes a immortalidade que se concede às inteligências. Ante a certeza ingrata e aflitiva do sepulcro, todos êles compunham os seus epitáfios, cumulando o valor que a si mesmos atribuiam, sem esperar que a critica lhes fizesse grandes ou pequenos os nomes, depois da morte. Plauto, o magnifico Plauto, imagina como há de ser o dia em que morrerá: “Há de chorar a Comédia; ficará triste e deserta a Cena e o Riso, o Divertimento, a Graça, todos se desfarão em lágrimas”:

“Postquam mors dat’est Plauto, Comoedia luget;  
Scena est deserta; deinde Risus, Ludus Jocusque  
Et numeri et innumeri simul omnes conlacrimarunt.”

Cneus Naevius, quem no teatro substituiu a comédia paliata pela togata, assim compôs o seu elogio fúnebre: “Se pudessem chorar os imortais, as divinas Camenas chorariam o poeta Névio, porque, depois que êle morreu, ninguém mais, em Roma, soube falar a lingua latina.”

“Oblita sunt Romae loquier latina lingua.”

Como, às vezes, erra o juiz em causa própria! Morreu Névio, e, em Roma, falou-se ainda melhor a lingua latina, tão melhor que se o poeta retornasse ao bulício dos homens, se horrorizaria com os barbarismos da sua linguagem primitiva. Foi-lhe, entretanto, gravado na campa o elogio que, a muito moderno, há inspirado imitações, mais ou menos infantis.

Quincius Ennius, o idolo do povo antigo, cuja veneração se projetou até o século de Augusto e encheu de louvor os lábios de Cipião, despertando verdadeiro culto em Cícero, merecendo os elogios do próprio Horácio, compôs também o seu epitáfio: pedia aos que por aí passassem, que lhe não banhassem de pranto o túmulo, nem lhe dessem a veneração de suas lágrimas:

“Nemo me lacrimis decoret, nec funera fletu  
Faxit. Cur? Volito vivo per ora virum.”

Por que chorar-me? Vivo, eternamente esvoaçarei nos lábios dos homens! Causa-nos estranheza uma tal convicção nas suas próprias qualidades, mas, o passado do poeta lhe permitia esse desafogo nas horas enfraquecidas da velhice, quando a vida como um palco já tantas vezes pisado, lhe apresentava a última cena, apontando-lhe o sepulcro. Bem mais humilde e, para mim, mais tristonho, mais artista, Marcus Pacuvius, poeta e pintor da Calábria, escreveu este epitáfio que passa por uma das belezas latinas de outrora:

“Adulescens, tametsi properas, hoc te saxum rogat  
Ut ei ad se aspicias: deinde quod scriptum’est legas.  
Hic sunt poetae Pacuvii Marcei sita  
Ossa, Hoc volebam nescius ne esses. Vale”.

“Adolescente, por apressado que passes, pára! Esta pedra roga-te que a fites: depois, que leias o que está escrito. Jazem aqui os restos mortais do poeta Marco Pacúvio. Isto queria que não ignorasses. Adeus —.” Modesto, Pacúvio deseja apenas que não se ignore a sua lousa. Isto lhe basta porque, certamente, ao tê-la conhecido, evocará o viandante o alto espírito que animou, um dia, aqueles ossos. Dirige-se aos moços sonhadores e, naturalmente, poetas pela força da idade, de cabeças tontas, enevoadas de ilusões e almas ressoantes da ânsia misteriosa de amar. A êles será mais fácil a recordação de um poeta, que aos velhos já lhes vai cansado o espírito, descrido o coração para ainda pensarem na inutilidade de um ser que viveu sonhando.

Quando Nero introduziu em Roma os jogos gregos, onde se travaram lutas de poesia e de eloquência, levou a palma a todos a mocidade esplêndida de Lucano, cantando no teatro de Pompeu um poema em honra do príncipe. O seu triunfo recordou os tempos de Vergílio, quando o povo era o primeiro em aplaudí-lo nas praças e nos banhos. O próprio Nero lhe abria o palácio real para ouvir-lhe, deliciado, as maravilhas da sua arte. Foi num desses momentos de gloria que Lucano vaticinou vaidosamente sua imortalidade:

“Venturi me teque legent: Pharsalia nostra  
Vivet et a nullo tenebris damnatur aevo!”

“Os pósteros nos lerão, a mim e a ti: tu, Farsália, em século algum serás condenada às trevas!” Enganou-se Lucano: Nero proibiu-lhe a obra, impôs-lhe silêncio e o seu poema chegou até nós quase obscuro, incompleto e alterado pelos raros estudiosos da literatura romana, sem a metade do valor que lhe atribuiu o poeta. Vaidoso assim, na hora da morte, todo se desconsertou o pobre Lucano e o pavor de ser esquecido foi tal que o moço triunfador do teatro de Pompeu, fragil e humano como nós de agora, desesperado ao ver-se extinguir ainda forte, ainda maravilhado pelo seu talento, para assegurar-se de que ficaria imortal no seu poema, na fama do seu estro, recitava, desconexamente, os próprios versos. Deve ser horrível morrer assim! Casemiro de Abreu, na agonia lúcida que Deus concede aos tuberculosos, relia aquelas amarguradas poesias das suas “Primaveras”.

Do insignificante poeta Accius conta Plínio que mandou fazer a própria estátua: em louvor do seu talento, fê-la de grande estatura, quando êle era pequenino e raquítico. Costumava este poeta, era uso entre os escritores de Roma, convidar, por meio de bilhetes premiados, os ouvintes das suas barbaridades versificadas. Não é raro, entre nós este uso, trocando-se o prêmio dos bilhetes por um banquete ou, mais modestamente, por um coquetel, a fim de ter o literato algumas vitimas que lhe escutem a versalhada. Foi para todos êles que o grande Plínio escreveu, conservando o testemunho da história: “Invitari solebant auditores per codicillos et libellos.”

Statius era outro cabotino e dos mais furiosos, dos mais parecidos com os nossos: desprovido completamente de talento, pagava a um tal Chrispinus para fazer-lhe as poesias que depois publicava como suas. Assim compôs um famoso poema heroico: "Achilleida"—. Interrogado por que escolhera um assunto já tão remoto, respondeu que era para completar Homero... Gabava-se de, em dois dias, haver composto o epitalâmio de Stella, com 278 exâmetros. Parece-me ver neste pobre Statius muito poeta nosso, agarrado a vários Chrispinus, publicando, em oito dias, brochuras sobre brochuras, rotuladas de "poemas". Statius e Chrispinus não passavam de mediocridades perdoáveis até nos seus maiores excessos. Cicero, porém, a mais elevada expressão do intelectualismo do seu tempo, não encontra defesa no seu furioso cabotinismo.

Em Cicero, a eloquência ofuscou a poesia, mas foi também poeta, celebrando a si mesmo em dois volumosos poemas: "De Consulatu suo" e "De Temporibus Meis". Já naquela ocasião ninguém perdoava tal falta de modéstia e Quintiliano entristecia-se com a mordacidade dos críticos ao ver tamanho orador ridicularizado por todo o Império. Mas nem Vergílio se exime do contágio dessa aufórbia do cabotinismo. Lê-se nas "Georgicas" a intenção que nutria de escrever a Eneida para "viver eternamente nos lábios dos homens". Sempre foram iguais os humanos, modestos ou vaidosos, são sempre aquela argila pobre, amassada deste ou daquele modo mas sempre argila com as mesmas qualidades do barro que se esboroa, quando quer altear-se, oco e vazio e, por isto mesmo, tinindo e retinindo ao menor contacto de outro barro igualmente vazio e oco. Flor nativa da vaidade efêmera dos homens, o cabotinismo perfuma as letras, desde a primeira vez que o ser humano pôde fazer um juízo de si mesmo. Se remontarmos, para além do tempo e penetrarmos na eternidade, veremos, na primeira página do Gênesis, Jeová que se extasia na contemplação das suas obras e, maravilhado, louva-se a si mesmo, o divino artista do mais sonoro poema que se haja escrito no Universo: "Viditque Deus cuncta quae fecerat: et erant valde bona". (Gen-I-31)-

Se Jeová assim falou, que muito há de ser que nós, sombra da sua sombra, o imitemos também e, diante das nossas pequenezes, nos julguemos quase deuses, criadores de um mundo ilusório, em que nós movemos à semelhança do Espírito Fecundo? Mais vale uma ilusão doirada que mil verdades amargas e depois, neste assunto do próprio ego, somos todos uns fariseus muito antigos, aos quais Jesus já disse outrora: “Quem se julgar inocente, arremesse a primeira pedra!”

São Paulo - Maio de 1954

---